

O mistério do crescimento do emprego sem produção

Francisco E. Pires de Souza, 22/08/2019

Há uma desconexão entre fatos e percepção. Ou então uma desconexão entre fatos e mensuração estatística. Estou me referindo, antes de mais nada, aos dados de emprego. Segundo os dados da mais recente PNAD contínua, o nível de ocupação no segundo trimestre de 2019 cresceu 2,6% em relação a igual período do ano passado. Em números absolutos, foram criadas 2,4 milhões de novas ocupações em um ano. Tais números se chocam flagrantemente com o discurso cotidiano sobre lenta recuperação do emprego na economia brasileira.

Desde o início da série da PNAD contínua, em 2012 não se verificou aumento desta grandeza no nível de ocupação em períodos de um ano. Infelizmente não é possível uma comparação com os dados da PNAD anual, disponível para períodos anteriores, por diferenças nas pesquisas. Ainda assim, só para que se tenha uma idéia, nos 10 anos anteriores (2003 a 2012), o crescimento médio anual da ocupação foi de 1,6 milhão de pessoas.

A impressão de que o emprego cresce lentamente muitas vezes pode resultar da observação da evolução da taxa de desemprego. Entre o segundo trimestre de 2018 e o segundo trimestre deste ano a taxa de desemprego caiu apenas 0,4 pontos percentuais, de 12,4% para 12%. Mas esta informação é, de certa forma, enganadora. Isto porque, no mesmo período a população economicamente ativa (que é o denominador da taxa de desemprego) cresceu 2,2%! Ou seja, cresceu muito acima do crescimento da população em idade de trabalhar.

A longo prazo, a população economicamente ativa tende a crescer em linha com a população em idade ativa. Mas a curto e médio prazos, ela pode crescer muito menos ou muito mais, a depender dos incentivos para ingressar ou sair do mercado de trabalho. E ocorre que, no período que estamos analisando, uma quantidade expressiva de pessoas que estava em idade de trabalhar, mas estava fora do mercado de trabalho, reingressou nele (voltou a trabalhar ou a procurar emprego).

As consequências do vigoroso aumento da população economicamente ativa são impressionantes: caso a ela tivesse crescido em linha com a população em idade ativa, a taxa de desemprego teria baixado de 12,4% para 11% (e não para 12%) nos últimos 4 trimestres.

Como conciliar este dinamismo (não reconhecido) do mercado de trabalho com o baixíssimo crescimento do PIB (ligeiramente abaixo de 1% nos últimos 12 meses)? Muito se tem falado de que as pessoas estão trabalhando uma quantidade de horas inferior à que gostariam, e a própria PNAD confirma esta hipótese. Porém, o que é relevante para a discussão que estamos levantando é se houve ou não uma redução do número de horas trabalhadas por pessoa ocupada, na comparação do segundo trimestre deste ano com igual período do ano passado. Os microdados da PNAD contínua nos informam que não: o número de horas trabalhadas por pessoa ocupada é rigorosamente o mesmo nos dois períodos¹. Então esta não é uma das causas do aumento da ocupação (mais gente empregada, mas trabalhando menos)

¹ Agradeço a Matheus Leal pela obtenção desta informação nos microdados da PNAD.

Resta então reduzir as hipóteses explicativas da desconexão entre produção e emprego a 3: ou a produtividade do trabalho despencou, ou os dados de produção estão subestimados ou os dados de emprego superestimados.

Alguma redução da produtividade pode de fato ter ocorrido, na medida em que houve um grande aumento do emprego no setor de serviços (possivelmente em segmentos de baixa produtividade) e o emprego na indústria cresceu a taxas bem mais baixas. Mas isto não deve ser uma explicação importante, porque o emprego na indústria cresceu menos, mas de todo modo aumentou (na estatística da PNAD contínua).

A desconexão entre os dados de emprego e da produção pode resultar portanto do fato de uma das duas medidas estar menos precisa do que a outra. Minha suspeita é que se for isso, provavelmente o dado mais acurado é o de emprego. Entre outras razões porque as novas ocupações (e produção) que estão surgindo nos setores relacionados às novas tecnologias e à economia do compartilhamento tendem a ser melhor captadas nas pesquisas domiciliares de emprego do que nas de produção.